

**Ana Cláudia de Oliveira Leite**

*Universidade Federal de São Carlos*

anadeoliver@yahoo.com.br

## BIBLIOTECONOMIA E BIBLIOTERAPIA: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO

---

### RESUMO

As mudanças no perfil profissional do bibliotecário avistam um novo campo de atuação para esse profissional: a Biblioterapia, caracterizada por práticas realizadas por bibliotecários em conjunto com profissionais da área da saúde, utilizando-se de materiais bibliográficos e não bibliográficos, no incentivo à leitura, na socialização entre as pessoas e no alívio da dor e do sofrimento, como atividade alternativa e/ou complementar ao uso de medicamentos. Nesse cenário, o artigo busca discutir os conceitos fundamentais dessa nova área do conhecimento e, a partir da metodologia de pesquisa bibliográfica, apresenta a introdução ao tema, o histórico e o fundamento filosófico, os conceitos e as definições, as aplicações da Biblioterapia, os benefícios e as limitações, o papel do bibliotecário como biblioterapeuta, e as considerações finais.

**Palavras-Chave:** biblioteconomia; biblioterapia; ciência da informação; leitura terapêutica.

---

### ABSTRACT

Changes in the professional librarian seeing a new field of action for this work: the Bibliotherapy, characterized by practices carried out by librarians in conjunction with health professionals, using different library materials, to the encouragement of reading, the socialization between people and the relief of pain and suffering, as alternative activities and/or complement to the use of medicines. In this scenario, the article seeks to discuss the fundamental concepts of this new area of knowledge and, with a methodology from the research literature, presents the introduction to the subject, the historical and philosophical basis, the concepts and definitions, the applications of Bibliotherapy, the benefits and limitations, the role of the librarian as bibliotherapist, and final considerations.

**Keywords:** librarianship; bibliotherapy; information science; reading therapy.

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato  
Alameda Maria Tereza, 2000  
Valinhos, São Paulo  
CEP 13.278-181  
rc.ipade@aesapar.com

Coordenação  
Instituto de Pesquisas Aplicadas e  
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original  
Recebido em: 11/3/2009  
Avaliado em: 20/5/2010

Publicação: 18 de agosto de 2011

## 1. INTRODUÇÃO

A Era da Informação, por ser composta pela valorização das inovações e do conhecimento, permite o surgimento de novas disciplinas e atuações no mercado de trabalho. Dessa forma, muitas áreas de pesquisa passam a se inter-relacionar para a criação de novos conhecimentos, como é o caso da Biblioterapia.

A Biblioterapia, como uso terapêutico da leitura, tem se mostrado uma prática multidisciplinar, sendo utilizada pela Biblioteconomia, Psicologia, Medicina, entre outras ciências, utilizando-se de materiais bibliográficos e não bibliográficos, no incentivo à leitura, na socialização entre as pessoas e no alívio da dor e do sofrimento, como atividade alternativa e/ou complementar ao uso de medicamentos.

Acredita-se que a pesquisa sobre o uso da Biblioterapia contribui para o crescimento e evolução do conhecimento científico, pois evidencia as novas possibilidades de campos de atuação e produção do conhecimento em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Sendo assim, baseando-se na metodologia de pesquisa bibliográfica, o presente artigo buscou discutir a importância da aplicação da Biblioterapia e o papel do bibliotecário nessa atividade.

Portanto, para a discussão das possibilidades de atuação do bibliotecário na Biblioterapia, o artigo apresentou como elementos essenciais ao seu desenvolvimento: a introdução; o histórico e o fundamento filosófico; os conceitos e as definições; as aplicações da Biblioterapia; os benefícios e as limitações; o papel do bibliotecário como biblioterapeuta; e as considerações finais.

## 2. HISTÓRICO E FUNDAMENTO FILOSÓFICO

“O termo Biblioterapia é derivado do grego “Biblion”, que designa todo tipo de material bibliográfico ou de leitura e de “Therapein”, que significa tratamento, cura ou restabelecimento” (SEITZ, 2006, p. 17).

A palavra terapia, tanto no grego como no hebraico, tem o sentido de atitude preventiva. O terapeuta significava aquele que cuida, e os primeiros terapeutas foram os filósofos – cuidavam do corpo e do espírito. Ocupavam-se do corpo e do sopro da vida que anima o corpo. (...) Assim, pode-se dizer que o papel do biblioterapeuta é cuidar do fôlego da vida. Permitir que a pessoa respire, isto é, que desbloqueie suas tensões, que desabroche, que desate os nós que travam a livre circulação do sopro. O biblioterapeuta vale-se, portanto, da palavra, da conversa, do diálogo (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006, p. 400).

A leitura tem sido utilizada com objetivo terapêutico desde a Antigüidade: no antigo Egito, o Faraó Ramsés II possuía uma biblioteca, cujo frontispício era adornado com a frase “Remédios para a alma” (SEITZ, 2006).

“Entre os romanos, Aulus Cornelius Celsus também associou a leitura como tratamento médico, ao recomendar a leitura e discussão das obras de grandes oradores como recursos terapêuticos no desenvolvimento da capacidade crítica dos pacientes” (FERREIRA, 2003, p. 36).

“Tesouro dos remédios da alma” era a inscrição que havia na biblioteca da Abadia de São Gall, durante a Idade Média. Também os gregos fizeram a associação de livros como forma de tratamento médicos e espiritual, ao conceberem suas bibliotecas como a “medicina da alma”. O hospital Al Mansur, em 1272, recomendava leitura de trechos escolhidos do Alcorão como parte do tratamento médico (CASTRO; PINHEIRO, 2005, p. 2).

Ao final do século XVIII, os livros começaram a ser usados como tratamento para doentes mentais na França, Inglaterra e Itália. Em 1815, o médico Benjamin Rusch já praticava os primeiros princípios básicos da Biblioterapia e, em 1853, o médico John Minson Galt II redigiu o primeiro artigo sobre os benefícios terapêuticos da literatura no tratamento de doentes mentais (ROSA, 2006).

Durante o século XIX, o uso de livros para pacientes psiquicamente enfermos passou a ser incluído por muitos médicos norte-americanos como parte do tratamento. Já nas escolas, livros, tais como McGuffey Readers e The New England Primer, foram usados não apenas como instrumentos de ensino, mas também como recursos para a construção do caráter e o desenvolvimento de valores positivos nos alunos (HASSE, 2004, p. 33).

“Embora a prática biblioterapêutica seja adotada desde a Antigüidade, a literatura mostra que, somente por volta de 1916, o termo biblioterapia apareceu, tendo sido cunhado por *Samuel McChord Crothers*, em artigo publicado no *Atlantic Monthly*” (PINTO, 2005, p. 39). A partir de então, passaram a surgir diversos estudos sobre o uso da Biblioterapia, em diferentes áreas do conhecimento, que aprofundaram questões teóricas, identificaram novos métodos e delineararam uma nova tendência no uso de terapias.

No início do século XX, a Biblioterapia passou a se difundir nos Estados Unidos, principalmente, em hospitais: em 1904, a Biblioteca do Mc Lean Hospital, em Massachussets, implantou um programa que envolvia os aspectos psiquiátricos da leitura; e, em 1940, tanto a Meninger Clinic como a Biblioteca do Veterans Hospitals já faziam uso de livros em atividades terapêuticas (RATTON, 1975).

Na década de 1930, segundo Hasse (2004, p. 33), “a Biblioterapia passou a ser assunto de pesquisa científica, tendo papel importante a biblioterapeuta Emma T. Foreman que insistiu para que a técnica fosse vista e estudada como uma ciência e não como arte”.

Em 1941, o Dorland’s Illustrated Medical Dictionary definiu pela primeira vez a biblioterapia como: “O emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais”. O termo já havia, entretanto, sido usado em trabalhos anteriores a essa data. O primeiro dicionário não especializado a registrar a palavra foi o Webster’s Third International Dictionary em 1961, e a definição apresentada: “Uso de material de leitura selecionada, como coadjuvante terapêutico em medicina e psicologia” e também: “Guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida”, foi mais tarde adotada

como oficial pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições (RATTON, 1975, p. 199).

Em 1943, Caroline Shrodes já desenvolvia estudos sobre a aplicação da literatura com fins terapêuticos, sendo utilizados até hoje. E, mais tarde, em 1949, baseando-se em Alice Bryan, Tweffort, Kenneth Appel e Rosenblatt definiu a Biblioterapia como um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo (ROSA, 2006).

Em 1970, Sclabassi escreveu um artigo e fez uma revisão da literatura em Biblioterapia classificando a pesquisa em quatro áreas profissionais: medicina geral (a técnica se volta ao campo médico, sendo aplicada por um bibliotecário do hospital ou por um bibliotecário em conjunto com outro profissional da área médica), psiquiatra (aplicada no tratamento de pacientes em hospitais e clínicas em conjunto com outras técnicas terapêuticas), educacional (usada para vários propósitos e em todos os níveis da educação), e corretiva (livros usados com delinquentes por pesquisadores responsáveis da área). Sclabassi ainda categoriza a intervenção biblioterapêutica em quatro níveis: intelectual, social, emocional e comportamental. A autora levanta dois aspectos quanto à pesquisa em Biblioterapia. O primeiro referente ao termo biblioterapia e sua implicação a tratamento, porém, sendo utilizada também para propósitos de diagnóstico (bibliodiagnose) e de prevenção (biblioprofilaxia). As distinções entre os tipos não são claros na pesquisa sobre a técnica. O segundo problema, na visão da autora, recai nos trabalhos publicados, sendo, na sua maioria, descritivos ao invés de experimentais (FERREIRA, 2003, p.39).

Na década de 1990, John Pardeck já possuía várias publicações sobre Biblioterapia e ressaltava que, como em qualquer outra terapia, há precauções limitações, devendo ser vista como um complemento a outras terapias (ROSA, 2006).

O desenvolvimento da Biblioterapia culminou em vários projetos de pesquisa e iniciativas de trabalho em todo o mundo. No Brasil, entre as mais recentes, encontra-se, em 2006, a fundação da Sociedade Brasileira de Biblioterapia Clínica, a qual tem como objetivos principais: formar profissionais para atuarem como biblioterapeutas; reunir pesquisas e trabalhos científicos sobre o tema; trocar experiências entre profissionais das áreas coligadas; disseminar a prática nas escolas, hospitais e centros de saúde da rede pública; fomentar a produção da material técnico sobre o assunto; mobilizar o mercado editorial para a importância da aplicação da Biblioterapia; recolher material de cunho terapêutico; e regulamentar a profissão.

Ao verificar-se a história da Biblioterapia, percebe-se a sua fundamentação filosófica, seja ela considerada ciência ou arte. Assim, mesmo que a palavra terapia tenha sentido curativo, há o envolvimento de um sentido mais amplo, no qual a atitude preventiva pode ser observada nas ações do terapeuta, que além de cuidar do corpo, também cuida da alma. Os primeiros terapeutas eram filósofos e não se ocupavam somente do corpo-objeto, pois valorizavam aquilo que anima o corpo fundamentalmente, ou seja, a alma (OUAKNIN, 1996).

A biblioterapia admite a possibilidade de terapia por meio da leitura de textos literários. Contempla, não apenas a leitura de histórias, mas também os comentários adicionais a ela e propõe práticas de leitura que proporcionem a interpretação do texto. Assim, o sujeito, ao exercer sua liberdade de interpretar, cria novos sentidos ao lido. Também se pode dizer que as palavras não são neutras e, portanto, a linguagem metafórica tem a capacidade de conduzir o sujeito para além de si mesmo; é transcendental (CALDIN, 2005, p. 2).

“Acesso ao tempo, fabricação do tempo, encontro do homem com o tempo graças à narrativa. Essa é a hipótese básica de toda a reflexão biblioterapêutica” (OUAKNIN, 1996, p. 43). Com essas palavras, o autor indica que o tempo e a narrativa estão intrinsecamente ligados ao permitirem a experiência da consciência no processo narrativo-interpretativo da atividade da leitura. “A leitura criadora abre para novos pensamentos e novos atos, inventa novos mundos, cuja novidade é também renovação do sujeito leitor-criador” (OUAKNIN, 1996, p. 97).

Além do “prazer do texto”, a leitura oferece ao leitor, por identificação e “cooperação textual”, por apropriação e projeção, a possibilidade de descobrir uma segurança material e econômica, uma segurança emocional, uma alternativa à realidade, uma catarse dos conflitos e da agressividade, uma segurança espiritual, um sentimento de pertencimento, a abertura a outras culturas, sentimentos de amor, o engajamento na ação, valores, individuais e pessoais, a superação das dificuldades etc. (OUAKNIN, 1996, p. 18).

Partindo-se desse pressuposto, Rosa (2006, p. 29) identificou como componentes biblioterapêuticos a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção, os quais são detalhados abaixo:

- a) *Catarse*: as palavras num texto podem provocar ou modificar emoções na pessoa que o lê e, assim, serem consideradas instrumento essencial para o tratamento do espírito. Dessa forma, a catarse pode ser entendida como pacificação, serenidade e alívio das emoções.
- b) *Humor*: como a rebelião do ego, transforma o objeto de dor em prazer e é dessa forma que os textos, que privilegiam o humor, constituem uma possibilidade terapêutica.
- c) *Identificação*: como parte de um processo psicológico, uma pessoa pode assimilar uma propriedade, um aspecto ou um atributo de outra e, posteriormente, se transformar total ou parcialmente de acordo com o modelo dessa outra.
- d) *Introjeção*: relacionado com a identificação, a pessoa pode internalizar objetos e qualidades inerentes a esses objetos.
- e) *Projeção*: nesse processo, a pessoa transfere suas idéias, sentimentos, expectativas, desejos e intenções a outra.
- f) *Introspecção*: a pessoa passa a refletir sobre os seus próprios sentimentos, favorecendo a possibilidade de mudança comportamental.

A partir da inter-relação dos componentes biblioterapêuticos, a leitura adquire papel importante na criação, transmissão e transformação da cultura, pois possibilita o diálogo além do espaço e do tempo.

### 3. CONCEITOS E DEFINIÇÕES

O histórico da Biblioterapia revela iniciativas de trabalho e pesquisa em várias áreas do conhecimento e, por isso, há uma diversidade de definições para o termo Biblioterapia, entre elas:

A Biblioterapia é um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais e leituras planejados, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica para problemas emocionais e de comportamento, devendo ser administrada por um bibliotecário treinado de acordo com as propostas e finalidades prescritas. Os fatores importantes dessa atividade são: os relacionamentos estabelecidos, as respostas e as reações do paciente, a entrega do relatório ao médico para a interpretação, a avaliação e a direção do acompanhamento (SEITZ, 2006, p. 19).

A Biblioterapia utiliza das qualidades racionais (intelecto, inteligência, compreensão cognitiva) e emotivas dos indivíduos, com o objetivo de mudar o seu comportamento por meio do auto-conhecimento (FERREIRA, 2003). E com o uso da leitura didática (instrucional/educacional) ou imaginativa (ficcional), a Biblioterapia pode permitir que o indivíduo se desenvolva globalmente com conhecimento de suas potencialidades e possibilidades, partindo da convergência entre o emocional, comportamental, intelectual e social (MIRANDA, 2006).

Biblioterapia es la serie de actividades realizadas por el biblioterapeuta y la persona sujeto de la biblioterapia, tendientes a establecer - a través del contacto con el material- entre éste material y la persona. Este proceso es interactivo y se sirve del mecanismo psicológico de la identificación como base para la toma y el aumento de la auto-conciencia, el des-aprendizaje, y el re-aprendizaje de ciertas pautas características de la vida de la persona. Este proceso sirve para el análisis propio, para reflexionar sobre alternativas de solución, para compartir experiencias similares a las de la persona sujeto de la biblioterapia, y para llegar a ser sujeto y agente de las propias motivaciones (URIBE, 2006, p. 9).

Por meio da leitura e de atividades lúdicas, é possível construir um processo interativo de valores, ações e sentimentos, voltado à harmonia e equilíbrio do crescimento e desenvolvimento pessoal (CASTRO; PINHEIRO, 2005).

A biblioterapia faz parte da leitura orientada, onde a responsabilidade do bibliotecário está em selecionar textos, livros, filmes e outros materiais como a poesia, o drama, o humor, que sejam do interesse dos participantes. Sua função é afetar o ajustamento do indivíduo ao texto lido, com a finalidade de depurá-los de qualquer excesso para que causem efeito moderador nos conflitos como meio de superar o medo, as inseguranças, as ansiedades peculiares a cada pessoa, proporcionando bem-estar na diminuição do stress causado por doenças ou problemas emocionais não resolvidos. Chegando-se então à catarse que é a justa medida dos sentimentos e de seu fator moderador. Tem-se também o riso como moderador dos conflitos, do estresse e do alívio da depressão e das angústias (MIRANDA, 2006, p. 84).

A Biblioterapia é um processo terapêutico, no qual se utiliza a leitura de diversos materiais para facilitar o *insight* e a catarse de sentimentos, valores e ações e, por isso, favorece o crescimento e desenvolvimento pessoal (HASSE, 2004).

A diferença entre simples leitura e leitura terapêutica reside na intensidade da experiência. O que se destaca na Biblioterapia é que o ato da leitura para curar é um processo interativo. Pesquisadores têm identificado dois componentes da leitura

terapêutica que a separa da simples leitura. (...) o primeiro componente se refere ao fato do autor engajar o leitor num diálogo silencioso, e o leitor se torna parte do processo de desdobramento intelectual e emocional do livro. O segundo componente está na obrigação do leitor de entender o que está sendo comunicado num nível mais profundo, como uma consequência direta da comunicação, e responder através de uma alteração ou modificação positiva no comportamento ou atitude. Os livros usados para promover este processo terapêutico podem ser de ficção ou não-ficção, mas devem conter as seguintes características: o nível ou dificuldade deve corresponder com a habilidade do leitor, as circunstâncias devem ser paralelas à situação do leitor, os problemas são relatados realisticamente, e o tom ou humor compatíveis com os objetivos do leitor (HASSE, 2004, p. 41).

Inicialmente, a Biblioterapia foi aplicada quase que de forma corretiva, voltada aos aspectos clínicos de tratamento de pessoas com distúrbios emocionais e comportamentais em hospitais e clínica de saúde mental (CASTRO; PINHEIRO, 2005). Posteriormente, passou a ser aplicada também com caráter preventivo em escolas, bibliotecas e centros comunitários, em trabalhos multidisciplinares com crianças, adolescentes e adultos. Dessa forma, a Biblioterapia ganhou diversos campos de atuação, os quais são detalhados no próximo item.

#### 4. APLICAÇÕES DA BIBLIOTERAPIA

Alguns autores consideram a aplicação da Biblioterapia em duas vertentes diferentes, que envolvem arte e ciência:

A biblioterapia funciona como arte para os profissionais que utilizam para cura, porém não ligados à área médica. Consiste em uma técnica não diretiva de leitura conduzida à auto-ajuda, a partir da seleção de textos que objetivam solução de problemas pessoais, facilitando a compreensão da situação. Em síntese, a biblioterapia como arte consiste do ato do leitor retirar do texto, sem intervenção de um facilitador, o que relaciona com suas emoções, com seus objetivos, seus assuntos pessoais. Por outro lado, enquanto a arte da biblioterapia possui uma abordagem não diretiva, a ciência da biblioterapia focaliza o tratamento dos sujeitos que sofrem problemas de ajustamentos, problemas emocionais ou mentais sérios, estando estes sempre acompanhados da orientação de um profissional da saúde. Em síntese, a biblioterapia como ciência requer um planejamento cuidadoso, conhecimentos médicos e considerações psicológicas (ROSA, 2006, p. 26).

Considerando a Biblioterapia como arte ou como ciência, os seus campos de atuação são vastos e incluem a recuperação de jovens delinquentes e adultos criminosos, o apoio em crises de crianças e adolescentes com problemas especiais, o auxílio na cura de indivíduos com distúrbios psíquicos, a melhoria de qualidade de vida de idosos e pacientes internados em hospitais, a inclusão de deficientes visuais, o desenvolvimento pessoal, entre outros.

De acordo com Seitz (2006, p. 26), verifica-se que em jovens delinquentes e adultos criminosos, “o uso do livro provoca a diminuição da ansiedade, despertando novos interesses, canalizando a agressão para ações aceitas pela sociedade, além do que, a leitura contribui na verbalização dos problemas”.

A própria participação em grupo é importante para a socialização. Além disso, o conteúdo dos textos mostra ao delinqüente diversas opções de ação em situações diferentes e a conseqüência que essas ações podem acarretar. O indivíduo terá então acesso a grande número de experiências sem a necessidade de passar por elas na vida real e prejudicar-se pela prática de atos inaceitáveis (...) A leitura dirigida, em casas correcionais, é um elemento útil também para a profissionalização do delinqüente e preparo do mesmo visando o retorno à sociedade (RATTON, 1975, p. 207).

Crianças e adolescentes com problemas especiais, tais como, separação dos pais e morte em família, podem se beneficiar com a prática biblioterapêutica, a partir do momento em que a leitura funciona como estímulo ao desenvolvimento de novos conhecimentos e ao enfrentamento dos problemas da vida moderna.

Na psiquiatria, a Biblioterapia auxilia a cura de indivíduos com distúrbios psíquicos e, até mesmo, doentes mentais e dependentes de drogas, na medida em que facilita a expressão e a comunicação. Assim, "toxicomaníacos, por exemplo, seriam beneficiados pela leitura de textos científicos que lhes fornecessem informações relacionadas com a droga" (RATTON, 1975, p. 207).

Por meio da prática da Biblioterapia, os idosos têm acesso a informações sobre envelhecimento e outros temas, assim como, desenvolvem o gosto pela leitura e por atividade culturais, proporcionando-lhes momentos de socialização e motivação.

A Biblioterapia com pacientes internados em hospitais pode ser útil como fonte de lazer e informação, no processo de socialização dos pacientes e humanização do hospital. "Em muitos países, a biblioteca é considerada elemento indispensável em hospitais, podendo a leitura ser usada na profilaxia, reabilitação e terapia propriamente dita" (SEITZ, 2006, p. 28).

Um exemplo dessa prática em hospitais é a constatação do nível emocional, social e cultural de cada paciente bem como seu grau de depressão e ansiedade, pois a Biblioterapia pode auxiliar o estabelecimento da comunicação e do vínculo com a equipe médica. Assim, pacientes diagnosticados com câncer, internados em hospitais, podem desfrutar da leitura associada a outros recursos lúdicos na conquista da melhoria da qualidade de vida (FONTENELE et al., 2000).

Com pacientes portadores de HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana), que apresentam sintomas de depressão como conseqüência do diagnóstico de soropositividade, a Biblioterapia também pode ser aplicada em sessões de intervenção psicológica (REMOR, 1997). Nesses casos, com a leitura de temas do interesse do paciente ou de informações sobre a infecção por HIV e AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), paciente e psicólogo podem discutir questões que abordam os pensamentos disfuncionais, as preocupações excessivas, as idéias de culpa e as auto-exigências,



reforçando os aspectos envolvidos no tratamento e, inclusive, proporcionando que as intervenções sejam mais curtas e eficazes.

Um programa de Biblioterapia para portadores de deficiência visual pode ser utilizado para auxiliar a sua preparação educacional e profissional, integrando-os na sociedade (CALDIN, 2001).

Levando-se em conta esse aspecto, poder-se-ia questionar que a Biblioterapia deve ser usada para descrever um processo por meio do qual o portador de deficiência visual lê material biográfico e autobiográfico sobre cegos e de pessoas não deficientes, com o objetivo de examinar a situação de sua própria vida tendo em vista o que ele tem lido (PEREIRA, 2000, p. 2).

Em escolas, bibliotecas públicas e centros comunitários ou religiosos, a Biblioterapia para desenvolvimento pessoal, com o bibliotecário desempenhando o papel de educador, pode complementar a educação formal, por meio da leitura dirigida e discussões orientadas (FERREIRA, 2003). A Biblioterapia para desenvolvimento pessoal em escolas também pode ser utilizada para estimular a integração de valores e ações para promover o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais em adolescentes que apresentam problemas disciplinares, incentivando o aprimoramento da leitura compreensiva (BACHERT, 2006).

Com crianças com idade entre seis e sete anos, em fase de alfabetização, a leitura de histórias como, por exemplo, contos de fadas, histórias humorísticas e livros informativos, é uma ótima oportunidade para iniciá-las na literatura, ampliando e enriquecendo as suas experiências (KUHLTHAU, 2006).

Antes que possam ler sozinhas as crianças devem escutar histórias, a fim de desenvolver o interesse pelos livros e conscientizar-se da variedade de livros disponíveis. Quando estão aprendendo a ler, a escuta de histórias funciona como uma influência modelizadora para a leitura. Essa atividade possibilita a experiência com o fluxo das palavras para formar significados. As crianças vivenciam o prazer e os sentimentos criados pela leitura. Por outro lado, a leitura tem como finalidade a formação de escritores, não no sentido de profissionais da escrita, mas de pessoas capazes de escrever adequadamente. Assim, ela fornece a matéria-prima para a escrita (o que escrever), além de contribuir para a constituição de modelos (como escrever) (KUHLTHAU, 2006, p. 50).

Silva e Fachin (2002, p. 148) apontam que “a leitura tem sido utilizada com sucesso como auxiliar da psicologia para resolver conflitos e enfrentar problemas de ordem emocional, social, mental e educacional”. E, partindo-se desse papel curativo, a atividade de leitura para crianças portadoras de deficiência com necessidades especiais pode ser usada na extração dos sentimentos dessas crianças, apaziguando-lhes as emoções e colocando-as em contato com a sociedade.

Verifica-se que a leitura para alunos portadores de deficiência com necessidades especiais favorece aos alunos um maior desenvolvimento crítico e intelecto, bem como estimula o seu imaginário, permitindo que algumas barreiras e conceitos sobre a pessoa portadora de deficiência com necessidades especiais sejam quebradas (SILVA; FACHIN, 2002, p. 154-155).

Independentemente da tipologia da prática da Biblioterapia, é possível perceber que esse procedimento proporciona diversas experiências ao leitor e ao ouvinte. Nesse contexto, o bibliotecário pode encontrar mais um campo de atuação, que merece ser explorado e expandido.

## 5. BENEFÍCIOS E LIMITAÇÕES

Os efeitos da leitura na vida individual não podem ser generalizados, porém há uma série de benefícios, entre eles: a possibilidade de se conhecer e sentir experiências sem a necessidade de vivenciá-las; a compreensão de problemas sociais de diferentes épocas; a diversificação de interesses e a liberdade de escolha; o acesso a informações sobre costumes de outras regiões; a amplitude da visão e do conhecimento de diversos pontos de vista; o aumento da auto-estima e a diminuição da timidez; o clareamento dos problemas difíceis de serem conscientizados pelo indivíduo; o desenvolvimento de atitudes sociais desejáveis; o estímulo à criatividade; a facilitação da participação na vida comunitária; a satisfação de necessidades estéticas, intelectuais e emocionais; a aquisição de conhecimentos para a vida profissional; e o desenvolvimento da capacidade de crítica (RATTON, 1975).

A Biblioterapia, de acordo com Cláudio García Pintos (1999, p. 25-26), oferece os seguintes benefícios: não constitui risco algum, desde que as narrativas sejam aceitas como intervenção e não intrusão, permitindo ao terapeuta chegar ao interior do paciente com mais facilidade; reduz o nível de resistência por parte do paciente das intervenções do terapeuta, tornando mais ágil o processo de mudança; identifica a idéia e a direção da mudança com uma imagem que permanece no indivíduo, tornando-se um novo recurso para o paciente; oferece novos modelos de flexibilidade, indicando outras possíveis repostas diante de situações similares vividas pelo paciente; promove a independência do paciente, assegurando sua participação no processo terapêutico ao inferir, descobrir ou concluir a mensagem do texto, chegando às suas próprias conclusões, e não às interpretações do terapeuta (HASSE, 2004, p. 58).

Entre os benefícios apresentados por um programa de Biblioterapia, destaca-se a redução do nível de resistência psicológica dos pacientes, que dá agilidade ao processo de interação, e o estímulo à independência do paciente, que passa a buscar a cura por si mesmo (PINTO, 2005).

“Os estudiosos da biblioterapia associam-na à saúde mental, ajustamento pessoal e social, resolução de conflitos internos, exteriorização dos problemas íntimos e consideram-na como coadjuvante terapêutico na medicina e na psiquiatria” (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006, p. 400).

As limitações do facilitador/terapeuta também são desafiantes, como por exemplo, um inadequado conhecimento de literatura apropriada. Os praticantes devem ser, então, treinados apropriadamente e expostos a um repertório de textos adequados para o uso da técnica. Outras limitações podem estar associadas ao próprio processo, como por exemplo, o paciente não desejar discutir sobre um assunto em que não se sinta à

vontade, ou se o terapeuta e o paciente permanecerem em assuntos superficiais. Estas limitações, de acordo com Gladding & Gladding (apud ABDULLAH, 2002), podem ser discutidas suspendendo as sessões até que ambas as partes estejam preparadas para o trabalho, ou ainda gravando e fazendo pontuações de sessões selecionadas para que o terapeuta possa monitorar suas próprias reações com certos pacientes ou áreas de problemas, e revisando tópicos em histórias que foram tratadas superficialmente em sessões prévias (HASSE, 2004, p. 60).

A Biblioterapia também pode apresentar algumas limitações, que o bibliotecário deve estar preparado para enfrentar, entre elas, a falta de bibliotecários capacitados para conduzir o programa de Biblioterapia; a falta de bibliotecas, sobretudo em hospitais; o pouco conhecimento sobre o leitor; e a inexistência de um estudo sobre a relação entre os problemas de saúde e o tipo de leitura mais adequada (SEITZ, 2006).

## 6. O BIBLIOTECÁRIO COMO BIBLIOTERAPEUTA

A Era da Informação, além das mudanças no cenário socioeconômico, trouxe inúmeras possibilidades profissionais para o bibliotecário, o qual, além de bibliotecas, passou a atuar em empresas, ONGs (organizações não-governamentais), indústrias, centros culturais, arquivos, entre outros segmentos da sociedade. Com isso, a sua postura também sofreu alterações, que são sentidas no dia-a-dia das organizações.

O bibliotecário não deve assumir o papel de guardião dos livros como acontecia há alguns anos. A realidade dos campos de atuação desse profissional está ampliando-se cada vez mais e assumir esse momento é essencial para o fortalecimento e reconhecimento da profissão. De maneira alguma diminui-se a importância da técnica da profissão do bibliotecário, afinal é a sua essência. Porém, exercer o papel social é, de certa maneira, o ápice, considerando a realidade atual do país, que tem sede de cidadãos leitores e de agentes fomentadores da leitura. A biblioterapia é um exemplo desse novo momento da profissão. Há muito tempo ela vem sendo exercida por profissionais da saúde, psicólogos e terapeutas. Embora ainda hoje haja a predominância desses profissionais na aplicação da biblioterapia, existem casos em que esta vem sendo aplicada por bibliotecários e apresentando ótimos resultados (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006, p. 399).

O uso da Biblioterapia, portanto, não pertence a nenhum campo de atuação profissional específico como, por exemplo, Biblioteconomia, Medicina, Psicologia ou Educação, pois...

É o local físico onde o profissional atua que define quem é o profissional a empregar Biblioterapia ou ainda que tipo de Biblioterapia ele emprega. Desse modo, não são os fenômenos e processos que são objeto de intervenção biblioterapêutica que definem os diferentes âmbitos de atuação profissional (SILVA, 2005, p. 19).

Mesmo que o bibliotecário tenha uma inclinação a uma atuação mais educacional, psicológica ou médica, alguns autores recomendam que ele deva apenas selecionar o material, outros acreditam que, com um treinamento especial, ele estará apto a aplicar a Biblioterapia. Apesar disso, já há algumas diretrizes básicas para que o bibliotecário trabalhe com Biblioterapia, entre elas estão: a escolha de um local adequado para a atividade; a formação de grupos para leitura e discussão de temas; e a preparação

de listas de material bibliográfico e de outra natureza, de acordo com as necessidades de cada grupo (FERREIRA, 2003).

É necessário, também que os bibliotecários comecem a se interessar pela Biblioterapia, que olhem um pouco ao seu redor e encontrem no livro a contribuição para amenizar muitos problemas como, por exemplo, a depressão dos idosos, a solidão das pessoas hospitalizadas e verão que praticar a Biblioterapia é tão gratificante quanto fornecer ao médico “aquele livro” que traz a dosagem exata do medicamento que o paciente precisa para sobreviver (SEITZ, 2006, p. 32).

Para que o bibliotecário envolva-se na prática de Biblioterapia, é necessário que esteja informado sobre as iniciativas de trabalho e pesquisa sobre o tema. Dessa forma, será possível estabelecer contatos com outros profissionais para o compartilhamento de idéias, conhecer a realidade de cada grupo estudado para estruturar o seu programa de Biblioterapia e divulgá-lo para a comunidade científica e a comunidade em geral.

O bibliotecário, que deseje praticar Biblioterapia com pessoas com problemas psiquiátricos, deve possuir um perfil com as seguintes características (CUBILLOS, 2008):

- *Competências pessoais:* comunicação interpessoal com diversos tipos de usuários; capacidade de aprendizagem contínua; estabilidade pessoal; interesse real por trabalhar com pessoas; capacidade de trabalhar em equipe; empatia; sensibilidade, paciência e espírito dinâmico;
- *Conhecimentos:* conhecimento da área de especialização; informação atualizada sobre as tendências, pautas de conduta, diretrizes e serviços; domínio da terminologia e recursos terminológicos próprios da área da saúde; recursos de informação especializada; fundamentos técnicos e profissionais para o estabelecimento de serviços orientados ao usuário; critérios éticos para dar uma atenção de qualidade ao paciente.

Em hospitais, por exemplo, o bibliotecário pode auxiliar no processo de reabilitação da saúde em pacientes internados, tanto na apresentação da leitura como forma de amenizar a dor e o sofrimento, como na detecção de alguns problemas dos enfermos de ordem física ou psicológica e repassá-los aos médicos, enfermeiros, nutricionistas, fisioterapeutas, assistentes sociais ou demais profissionais da equipe médica. Algumas qualificações necessárias ao bibliotecário biblioterapeuta envolvem o entendimento profundo do problema pelo qual o paciente está passando, a compreensão do conteúdo abordado na leitura e sua relação com esse problema, e a habilidade em formular hipótese acerca dessa situação.

Para que o bibliotecário trabalhe com a Biblioterapia como uma técnica de aconselhamento com deficientes visuais, é necessário que ele saiba prescrever o material para a solução de problemas específicos (PEREIRA, 2000). Por isso, o biblioterapeuta deve possuir algumas qualificações importantes, a saber: um atendimento profundo de natureza psicológica do problema que está sendo enfrentado pelo portador de deficiência visual; uma compreensão do caminho que este problema particular é tratado na seleção

do livro prescrito; e a habilidade em formular hipóteses, que se refiram ao impacto que este material terá sobre a solução positiva do problema do paciente.

Entre as atividades do bibliotecário num programa de Biblioterapia, destacam-se a escolha de um local apropriado, a formação de grupos de leitura e a organização dos materiais a serem utilizados, tais como, livros, revistas, jornais, vídeos e músicas, que possibilitam a ampliação do público-alvo e o trabalho com diferentes formas de expressão como o teatro, a música, a oralidade e a imagem (NASCIMENTO; ROSEMBERG, 2007).

A Biblioterapia abre mais uma frente de trabalho aos bibliotecários, que podem atuar tanto na organização do acervo para um público específico, como na motivação, vivência e adequação desse ambiente psico-social. Tem-se, portanto a figura do bibliotecário como consultor e biblioterapeuta (MIRANDA, 2006).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o advento da Era da Informação, as mudanças na sociedade propiciaram o surgimento de novas áreas do conhecimento e a reestruturação de áreas já estabelecidas. A Biblioterapia constitui-se num exemplo de que a multidisciplinaridade é essencial para o crescimento e desenvolvimento de práticas e técnicas alternativas e coadjuvantes no tratamento terapêutico.

A fundamentação teórica do artigo mostrou que a Biblioterapia é usada desde tempos remotos no restabelecimento emocional e social dos indivíduos. E, com o aumento do uso dessa prática, ao longo dos anos, é imprescindível o estudo e pesquisa dos seus benefícios e limitações. Por isso, buscou-se discutir as possibilidades de atuação do bibliotecário nas práticas de Biblioterapia.

A prática biblioterapêutica demonstra que o seu público-alvo pode apresentar mudanças benéficas no comportamento, interesse pela leitura e entrosamento com o grupo. Assim, com a leitura e contação de histórias e com as atividades lúdicas, é possível perceber que o estímulo à criatividade e à promoção do bem-estar é muito importante para o desenvolvimento dessa atividade.

Contudo, há de se considerar as particularidades de cada público-alvo para o planejamento das atividades de acordo com os hábitos de leitura, tempo disponível e condições físicas e psicológicas das pessoas envolvidas. Dessa forma, é de vital importância a atuação de equipes profissionais multidisciplinares compostas por bibliotecários, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, enfermeiros, médicos, professores etc.

A partir da discussão apresentada no artigo, conclui-se que a Biblioterapia é uma área do conhecimento multidisciplinar que, com a aplicação da leitura terapêutica e de atividades lúdicas complementares, pode trazer inúmeros benefícios à sociedade. Por isso, recomenda-se que os bibliotecários adquiram uma nova postura profissional, frente a esse campo de atuação, e desenvolvam mais pesquisas que contribuam para o crescimento e a valorização dessa profissão.

## REFERÊNCIAS

- BACHERT, C.M.D. **Estratégias da biblioterapia de desenvolvimento aplicadas na orientação de problemas de disciplina**. 2006. 181 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- CALDIN, C.F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros BIBLI: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 32-44, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/36/5200>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- \_\_\_\_\_. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblos**, v. 6, n. 21-22, jan./ago. 2005. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/4710/>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- CASTRO, R.B.; PINHEIRO, E.G. Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa. **Biblionline**, João Pessoa, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/viewFile/586/424>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- CUBILLOS, M.F. Usuários de bibliotecas com discapacidad psquiátrica. **Série Bibliotecologia y Gestión de Información**, n. 39, ago. 2008. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/14902/>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- FERREIRA, D.T. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 4, n. 2, p.35-47, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/etd/viewarticle.php?id=272&layout=abstract>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- FONTENELE, M.F.S.; PINTO, V.B.; ANDRADE, F.J.M.; DIAS, A.P.; MOURA, R.M.G.; PINTO, J.M.B. A biblioterapia no tratamento do câncer infantil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Proceedings...** Porto Alegre: PUCRS, 2000. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000765/>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- HASSE, M. **Biblioterapia como texto: análise interpretativa do processo biblioterapêutico**. 2004. 150 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba.
- KUHLTHAU, C. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- LUCAS, E.R.O.; CALDIN, C.F.; SILVA, P.V.P. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 398-415, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/viewFile/276/69>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- MIRANDA, M.R.P.F. **Informação, leitura e inclusão educacional e social nas bibliotecas braille de Campo Grande-MS: um estudo de caso**. 2006. 216 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília.

- NASCIMENTO, G.M.; ROSEMBERG, D.S. A biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados. **Informação e Informação**, Londrina, v. 12, n. 1, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www2.uel.br/revistas/informacao/viewissue.php?id=35>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- OUAKNIN, M.A. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.
- PEREIRA, M.M.G. A biblioterapia e leitura crítica para a formação da cidadania com os alunos do Instituto dos Cegos da Paraíba “Adalgisa Cunha”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Proceedings...** Porto Alegre: PUCRS, 2000. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000779/>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- PINTO, V.B. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewissue.php?id=9>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- RATTON, A.M. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, set. 1975.
- REMOR, E.A. Contribuições do modelo psicoterapêutico cognitivo na avaliação e tratamento de uma portadora de HIV. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721997000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721997000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- ROSA, A.L.R. **As cartas de Ana Cristina César: uma contribuição para a Biblioterapia**. 2006. 84 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Vale do Rio Verde, Três Corações.
- SEITZ, E.M. **Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica**. Florianópolis: ACB, 2006.
- SILVA, A.M. **Características da produção documental sobre biblioterapia no Brasil**. 2005. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- SILVA, M.E.; FACHIN, G.R.B. Leitura para portadores de deficiência com necessidades especiais: relato de uma experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p.148-156, 2002. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/viewissue.php?id=13#Artigos>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- URIBE, T.A.; RIVERA, H.; GUTIÉRREZ LINA, M.; MARTÍNEZ, M.I.; BALLESTEROS, N.G. La animación a la lectura en una comunidad desplazada en Colombia, una experiencia de compromiso profesional, social y político del bibliotecólogo y de lecciones aprendidas. In: FORO SOCIAL DE INFORMACIÓN, DOCUMENTACIÓN Y BIBLIOTECAS, 2., 2006, México. **Anales...** México: Instituto de Investigaciones Antropológicas de la Universidad Nacional Autónoma de México, 2006. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/15065/>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

---

#### *Ana Cláudia de Oliveira Leite*

Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela UFSCar, com Especialização em Gestão Organizacional e Recursos Humanos pela UFSCar e MBA em Gestão de Unidades de Informação pela UNICEP. Atualmente, é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela UFSCar e bibliotecária da ETEC Ten. Av. Gustavo Klug.